

OXIGÊNIO

MAIO 2020

o

NÚMERO 9



A INSTINTIVA
E VISCERAL
COLEÇÃO
SÉRGIO CARVALHO

O

EDITORIAL

Vivemos tempos difíceis. E a seguir a estes virão outros. Diferentes mas difíceis.

A Oxiênio não está alheia a isso. Mas também assiste e aplaude as novas (e belas) atitudes de ajuda, de amparo, de solidariedade. Jovens se aproximando de idosos; idosos aprendendo a lidar com as novas tecnologias – e gostando! Pessoas, para muitos invisíveis, tornam-se ensolaradamente visíveis: do caixa do supermercado às diaristas; do vendedor de pipoca aos porteiros. Que bom!!!

É piegas? Pois que seja.

Fato é que existem muitas coisas boas acontecendo por aí. E esse é o pilar no qual esta publicação se alicerça. Talvez nunca tenha sido tão necessário e pertinente ter um ar saudável para respirar.

A Coleção Sérgio Carvalho conta com aproximadamente 2.300 obras de arte contemporânea brasileira. Toda ela, ao mesmo tempo, nunca veio a público. No entanto, o *coleccionador de afetos* (como ele se autodenomina) vem fazendo exposições e apresentando partes dessa vastíssima produção artística. Conheça aqui uma panorâmica dessa diversidade. Com ela iniciamos uma série de artigos sobre o que move os colecionadores.

Mas como “maratonar é preciso” apresentamos aqui uma proposta interessante: uma série de filmes e documentários que têm o vinho como mote. As indicações são de Fernando Lima e Deise Novakoski.

E o Dia das Mães? Este ano será beeem diferente... Mas a nossa correspondente em Londres, Maria Hermínia Donato, nos conta como foram os encontros entre mães e filhos por lá. No Reino Unido, a data é comemorada três semanas antes do domingo de Páscoa. Este ano foi no dia 22 de março.

Viajar sempre faz bem. Mesmo que, nesse momento, seja no imaginário de cada um de nós. Rever fotos de passeios realizados e programar próximos destinos são um alento para os viajantes compulsivos e também para aqueles que desejam realizar um sonho há muito adiado. Pelo olhar especialíssimo da fotógrafa Antonella Kann, a Oxiênio mostra lugares pouco comuns. E lindos. Inspire-se para quando isso tudo passar.

E vai passar!

O

ÍNDICE

04

Melhor se guarda o voo de um pássaro do que um pássaro sem voos

10

Coleção de riscos: capricho, ilusão e miopia

15

Para maratona em muito boa companhia

21

Dia das Mães em quarentena

24

Viajar é preciso!

Foto de capa: Ding Musa | Exposição *Duplo Olhar – Coleção Sérgio Carvalho* (jan./abr. 2014, no Paço das Artes, SP/SP)

Jornalista Responsável: Vera Matagueira – MTB 16.742

Editoras: Ana Lígia Petrone | Maurette Brandt

Correspondente em Londres: Maria Herminia Donato

Colaborações de Antonella Kann e Daiana Castilho Dias

(21) 3807-6497 / 97326-6868 | oxigeniorevistabr@gmail.com

Anuncie, envie sugestões de pauta, colaborações, imagens, [publireportagens](#).



Panorâmica da exposição *Cantata – Coleção Sérgio Carvalho*, (jul./set. 2016, no Centro Cultural Minas Tênis Clube, BH/MG)
Foto: Ding Musa

Melhor se guarda o voo de um pássaro do que um pássaro sem voos*

A partir da Coleção Sérgio Carvalho, que já conta com aproximadamente 2.300 obras, a OXIGÊNIO inicia uma série de matérias sobre o colecionismo. Afinal, o que move os colecionadores?

- Versos do Poema “Guardar”
de Antonio Cícero



Amanda Melo, *Notícias de isolamento*
Foto: Divulgação

POR QUE COLECIONAR?

Daiana Castilho Dias*

A primeira questão que nos vem à cabeça, quando falamos em colecionismo, o de arte especialmente, é o que leva alguém a “reunir”, “guardar”, “juntar”, “acumular” objetos?

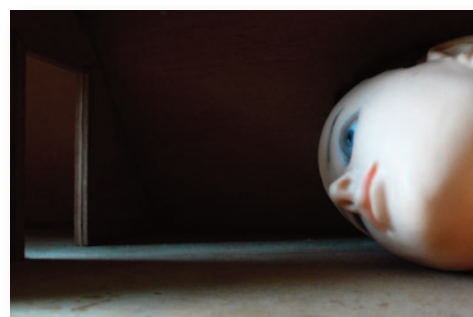
Usando-se quaisquer verbos, a ação sempre será motivada por múltiplos desejos e anseios.

Segundo Bataille (1987), o ser humano coleciona desde que percebe sua perenidade e com isso busca um sentido de permanência e prolongamento de sua existência refletido no objeto, na arquitetura.

Como afirma Marshall (2005): (...) *Na família linguística (leg), aparece o núcleo semântico e significativo do colecionismo: uma relação entre pôr em ordem – raciocinar – (logeín) e discursar (legeín), onde o sentido de falar é derivado do de coletar: a razão se faz como discurso. O discurso, morada da razão. Ordenar, colecionar, narrar.*

Então, quando se coleciona, além do registro de nossa própria existência, estamos querendo dizer alguma coisa. Mas o quê exatamente?

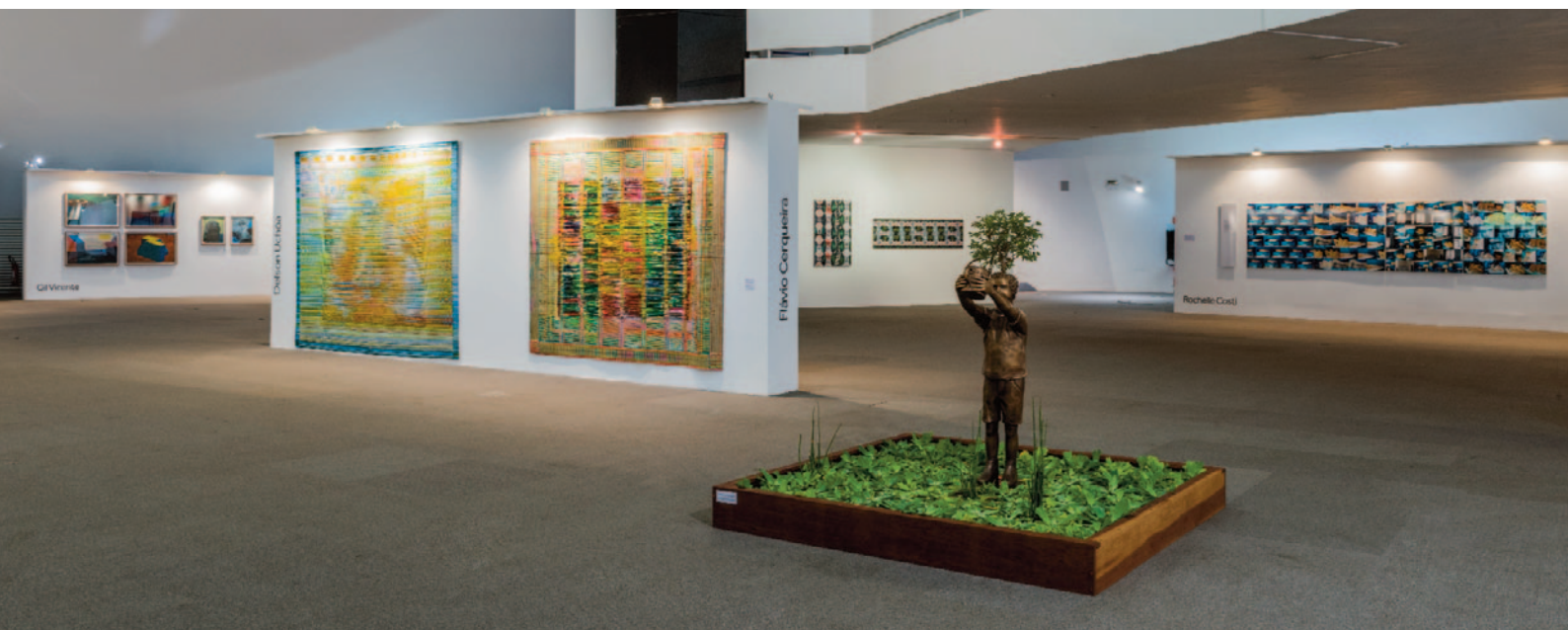
Pensando que o ato de colecionar também representa uma linguagem e dispõe sobre um discurso, se analisarmos as sociedades na história vamos percebendo que esse discurso vai se tornando aos pouco cada vez mais complexo e representativo. Ao selecionar e rearranjar os objetos de determinadas formas contamos histórias pessoais e coletivas, acumulamos experiências, registramos fatos históricos. Enfim, aprimoramos o discurso e a comunicação daquilo que gostaríamos de deixar registrado: a civilização.



De cima para baixo: José Rufino, *Sudoratio*, Foto: Vicente de Mello / Oriana Duarte, *E.V.A. flutua*, Foto: Divulgação / Rochelle Costi, *Série Desmedida*, Foto: Divulgação / Nino Cais, *Sem título*, Foto: Divulgação

Essa primeira consideração do ato de colecionar nos leva a crer que as pessoas colecionam para “se civilizarem”. Assim, se colecionar é uma prática civilizatória, a relação entre colecionismos e a vida social seria parte importante do processo de formação de cada cultura. O que nos leva a pensar de várias formas: colecionar seria condicionado ao contexto social e a uma hierarquia de bens e valores. (Godelier – 1974)

Desde criança, somos impelidos a colecionar coisas que marcam ciclos de nossas vidas. A partir do nosso nascimento, o ato de colecionar nos envolve. Quando os parentes guardam partes de nossa existência (o primeiro dente, o primeiro corte de cabelo, o cordão umbilical etc.) ou quando somos presenteados por eles com objetos que marcam nossos ciclos de amadurecimento social, recebemos símbolos e sinais dessa hierarquia e conjuntura



Panorâmica da exposição *Contraponto – Coleção Sérgio Carvalho* (nov. 2017/abr. 2018, no Museu Nacional da República, Brasília/DF)

Foto: Ding Musa

Partindo desse princípio, o colecionismo pode ser definido como o hábito de juntar "coisas" que possuem propriedades ou características comuns e que servem para conhecer o mundo. Essa proposição serve para reconhecer o colecionismo como um fato social que apresentaria as propriedades de exterioridade, objetividade e coerção social (Durkheim – 1985).

social que nos envolve, iniciando-se, assim, talvez, o que pode vir a ser primeira coleção da nossa história.

Diversos estudos podem nos dar pistas sobre o ato de colecionar. A antropologia nos auxilia profundamente nesse fazer, dando ao colecionismo um caráter universal. Entretanto, esse caráter antropológico, que é inerente



Da esquerda para a direita:
Nelson Leirner, *Série Missa Móvel*, Foto: Divulgação /
Farnese de Andrade, *Sem título*, Foto: Vicente de Mello /
Antonio Dias, *Sem título*,
Foto: Divulgação



ao colecionismo, não pode nos furtar a oportunidade de avaliar as coleções contemporâneas, cujo ato de colecionar varia individualmente nos motivos, assumindo idiosincrasias estranhas aos padrões partilhados coletivamente.

Assim, se colecionar é ordenar conhecimento e razão, e comunicá-los, mais conhecimento produzido gera mais opções de colecionar e vice-versa. Isso explica, por exemplo, por que as coleções contemporâneas são tão diversificadas em objetivos, interesses e finalidades. Na prática, por exemplo, se avaliarmos uma coleção de selos (filatelia), percebemos inúmeros critérios (códigos e sistemas organizacionais) para que ela possa assim ser denominada: as motivações tomaram um caráter exterior ao pessoal, assumindo convergências entre os colecionadores, gerando federações locais, regionais e internacionais.

Além da memória e do sentido de permanência, outro aspecto formador de coleções é o afeto.

Quando separamos determinado objeto de seu uso formal, o destacamos entre outros objetos e passamos a ter um cuidado especial com ele, iniciando uma determinada familiaridade, levando-o para nosso contexto pessoal. O afeto é uma forma de valorização decorrente da familiaridade que se estabelece com as coleções/objetos.

*“Além da memória
e do sentido de
permanência,
outro aspecto
formador de coleções
é o afeto.”*

Finalmente, percebemos que o colecionismo apresenta uma enorme diversidade de estímulos e intenções. Não se pode dissociar essas práticas da biografia das pessoas, considerando-se que o momento em que se começa a colecionar e os motivos de formação da coleção estão estritamente ligados ao que aquela pessoa vive ou viveu. E embora se trate de um aspecto sempre subjetivo, a relação que as coleções estabele-

cem com a vida das pessoas é sempre um bom motivo para pensar, pesquisar e, ao mesmo tempo, compreender por que algumas coleções nunca chegam a ser expostas e outras, num caminho oposto, buscam estabelecer novas conexões e interlocuções com a sociedade.

O MUNDO DOS COLECIONADORES

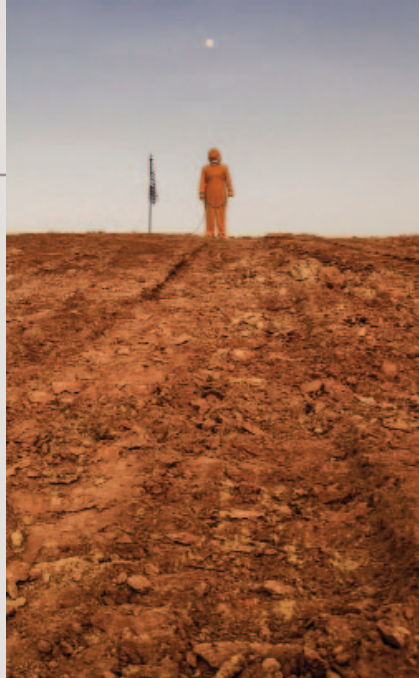
Em meio a essas indagações, surgiu o interesse em me aproximar e compreender o mundo dos colecionadores de artes no Brasil.

O sistema de arte brasileiro, nos últimos 25 anos, se tornou cada vez mais complexo e as definições de termos como “coleccionar” e “coleccionismo” não comportam mais ideias fixas ou significados preestabelecidos.

A motivação que leva à constituição de um acervo de arte hoje é multifacetada e muitas vezes excepcional.

O modelo que impera no país atualmente é o de coleções valiosas fechadas nas residências dos colecionadores ou diluídas em diferentes locais que não permitem a visão da grandeza do conjunto do acervo.

Para democratizar esse universo extraordinário, em 2014, iniciei um projeto denominado “*Coleções*”, cujo objetivo era apresentar ao público brasileiro coleções privadas que nunca antes haviam sido ex-



De cima para baixo: Berna Reale, *Enquanto todos olham a Lua*
Flávio Cerqueira, *Horizonte Infinito*
Efrain Almeida, *Casa com tatoo*
Fotos: Divulgação

postas. Foram realizadas duas edições desse projeto, levando – a mais de 600 mil pessoas – parte desses acervos antes inacessíveis.

Foi nesse contexto que conheci o colecionador Sérgio Carvalho e sua impressionante coleção de arte contemporânea brasileira.

A Coleção Sérgio Carvalho, tem inúmeras peculiaridades, mas, se pudesse resumi-la numa só, eu diria que se trata de “uma coleção de risco”. Exatamente! Não há qualquer preocupação do colecionador em “agradar” ou alinhar-se a qualquer estilo ou modelo. Aqui se colecciona afeto.

Mais do que obras, o colecionador relaciona-se com o artista, com seu meio social, com sua vivência e, apenas aí, entende as motivações de confecção da obra e percebe o quanto esta lhe toca a ponto de tornar-se objeto do desejo.

O resultado é um primoroso olhar associado a histórias

peçoais e vivências conjuntas entre artistas e colecionador. Todas as obras da coleção, – Isso! Absolutamente todas – têm um significado, uma história e um contexto completamente pessoal. Daí uma coleção de afetos.

Ora, mas se não há método, sistema ou investimento, o que faz dessa coleção uma parcela tão importante da história da arte contemporânea brasileira?

No afã de contar histórias, o colecionador se empenha na tarefa de reunir um conjunto cada vez mais significativo das obras dos artistas escolhidos. Intuitivamente ou não, Carvalho acaba por nos agraciar com um importante panorama da produção artística brasileira de nossa época. Por intermédio da coleção, é possível avaliar a trajetória da produção dos artistas, em dife-

rentes tempos, permitindo que se apreenda importantes aspectos de sua poética.

Assim, fizemos uma, duas, três... várias apresentações da Coleção Sérgio Carvalho, nas cidades de Brasília, Rio de Janeiro e São Paulo. E posso garantir que apenas uma pequena parcela do vasto acervo foi apresentada ao público. Hoje, o colecionador, mais que tudo, sonha em ter a coleção publicitada, aberta, de forma irrestrita, à formação das plateias e dos jovens no Brasil.

Mas como realizar, como tornar pública a Coleção investindo em arte e educação??

Ahhh... Isso já é outra história para contar.

*Daiana Castilho Dias é produtora cultural e professora de História



Panorâmica da exposição *Cantata – Coleção Sérgio Carvalho*, (jul./set. 2016, no Centro Cultural Minas Tênis Clube, BH/MG)

Foto: Ding Musa



Sérgio Carvalho

Foto: Divulgação

COLEÇÃO DE RISCOS: CAPRICHOS, ILUSÃO E MIOPIA

A porta da verdade estava aberta,
mas só deixava passar
meia pessoa de cada vez.
Assim não era possível atingir toda a verdade,
porque a meia pessoa que entrava
só trazia o perfil de meia verdade.
E sua segunda metade
voltava igualmente com meio perfil.
E os dois meios perfis não coincidiam.
Arrebentaram a porta. Derrubaram a porta.
Chegaram a um lugar luminoso
onde a verdade esplendia seus fogos.
Era dividida em duas metades,
diferentes uma da outra.
Chegou-se a discutir qual a metade mais bela.
As duas eram totalmente belas.
Mas carecia optar. Cada um optou conforme
seu capricho, sua ilusão, sua miopia.

Carlos Drummond de Andrade

Se a verdade é traduzida pelo capricho, ilusão e miopia de quem a declara, o colecionador professa acentuadas doses de teimosia, fantasia e comprometimento. Algo assemelhado, nas palavras de Rubem Braga, “ao amor teimoso de um menino, o amor teimoso e burro de um menino lírico.”

No ato de colecionar, a verdade está nos olhos de quem padece dessa obsessiva compulsão, desse *amor teimoso de um menino*. O impulso que leva alguém a colecionar se irmana à sua alma: não se buscam troféus ou prêmios; revelam-se paixões e seduções.

Assim, pouco importa se uma obra de arte consubstancia um ativo ou um seguro investimento. Para quem não coleciona por especulação, essas avaliações ficam em plano secundário: há um profundo abismo entre valores culturais e mercadológicos.

A peculiar verdade daquele que coleciona – naturalmente ilusória e míope (não uma visão canhestra ou mesquinha, mas uma visão fundada em sua intuição) –, está em aquilatar o grau de envolvimento do artista com o seu próprio universo poético, em perceber o quanto a arte é imprescindível para que continue fiel ao



Janaína Mello, *Ciclograma 15*, na exposição *Vértice – Coleção Sérgio Carvalho* (jun./ago. 2015, no Museu Nacional dos Correios, Brasília/DF)

Foto: Vicente de Mello



João Castilho, *Hotel Tropical (azul)*

Foto: Divulgação

seu ideário, apesar de todas as dificuldades do processo criativo e da própria vida.

O colecionador deve se apaixonar pelo que vier a adquirir – a obra há de arrebatá-lo –, independentemente do que está em voga ou do que poderá vir a constituir um modismo.

Na realidade, dentro de suas possibilidades, cabe-lhe impulsionar a produção artística, acreditando na sua intuição e no seu olhar, dando visibilidade, inclusive, a inúmeros artistas que, pelas mais variadas razões, não compõem e nunca irão compor, até mesmo por pessoal

convicção, o mercado. Com esse modo de agir, registra partes da multifacetada memória visual.

Assim, deve o colecionador confiar em sua instintiva compreensão do que representa arte, arriscando-se a garimpar tesouros.

Daí o comprometimento e a opção por uma coleção de riscos. Essa a minha verdade: capricho, ilusão e miopia.

Desde janeiro de 2014, parte do acervo vem sendo mostrada ao público o que reafirma a vontade e o sonho de que a coleção se torne pública.

Elder Rocha,
Justaposição
Polar 3
Foto:
Vicente de Mello



A lúcida ponderação da crítica Luísa Duarte é pertinente: *“antes de ser uma mercadoria, uma obra de arte é uma invenção endereçada ao mundo, evidenciando a responsabilidade do colecionador em tornar o seu acervo um local de pesquisa, investigação, educação e difusão.”*

Uma coleção secreta ou impenetrável desconsidera a obra de arte como algo que extrapola a mera propriedade particular. Uma obra de arte não comporta clausura: *“em cofre não se guarda coisa alguma. Em cofre perde-se a coisa à vista”* (Antonio Cícero).

Nessa compreensão, a obra de arte deve ser experimentada pelo maior contingente possível de pessoas, razão pela qual o colecionador não deve se furtar a assumir essa responsabilidade, deixando ao esquecimento as obras pelas quais se apaixonou, como se fosse o único destinatário das emoções que delas promanam. Com essa postura, simplesmente as transformará em meros itens do seu inventário pós-morte.

Ciente do patrimônio social que detém, aquele que coleciona pode deixar como legado a preservação da memória e da identidade de específico período temporal da produção artística, para que futuras gerações dele

se beneficiem e dele partam para reinvenções poéticas. Isso interessa a todos e a qualquer um, sem exceção.

Daí a necessidade da aproximação dos acervos particulares ao público, pois, ainda que a exibição de determinada obra de arte emocione uma única pessoa, estará o colecionador democratizando o acesso à arte e valorizando seus artífices, transformando o mundo.

Há de se conferir condições dignas para o exercício da profissão, recolocando o ator principal em seu devido lugar. O artista precisa tomar consciência dessa necessidade, refletindo sobre uma óbvia constatação: o sistema não existe sem a sua presença. Essa a sua força.

Assim, a meu sentir, imprescindível que, à formação universitária do artista, sejam acrescidas, ainda que por um único semestre, as disciplinas *Direito Autoral* e *Direito dos Contratos*, preparando-o para a realidade do mercado, outorgando-lhe noções básicas dos instrumentos indispensáveis ao seu labor.

Em síntese: há que se compartilhar encantos – *“melhor se guarda o voo de um pássaro do que um pássaro sem voos”* (Antonio Cícero).

Sérgio Carvalho



Panorâmica da exposição *Duplo Olhar* –
Coleção Sérgio Carvalho (jan./abr. 2014,
no Paço das Artes, SP/SP)

Foto: Ding Musa

Para maratonar em muito boa companhia



*Em 2017, o especialista em vinhos Fernando Lima publicou no seu site a matéria – **O vinho na 7ª Arte** – sobre a presença do vinho e de temas correlatos nos filmes. Em abril deste ano (nada mais oportuno), com dicas de Deise Novakoski, o texto foi revisto e acrescido. São 16 filmes para maratonar, degustando a “bebida dos deuses”. Uma harmonização sob medida!*

Fernando Lima – <http://vinhoscomfernandolima.com.br>
Deise Novakoski – WhatsApp – (21) 99537-8382



1 **SIDEWAYS – ENTRE UMAS E OUTRAS** (EUA, 2004)

Baseado no livro homônimo de Rex Pickett, é sem dúvida o filme mais conhecido e praticamente obrigatório para os amantes do vinho. Recebeu cinco indicações ao Oscar, inclusive a de melhor filme, e ganhou o de melhor roteiro adaptado. Dirigido por Alexander Payne, é praticamente uma ode à *pinot noir*. Enquadra-se no gênero comédia dramática e narra a viagem de dois amigos por vinícolas da Califórnia, durante a despedida de solteiro de um deles.



2

UNCORKED – NOTAS DE REBELDIA (EUA, 2020)

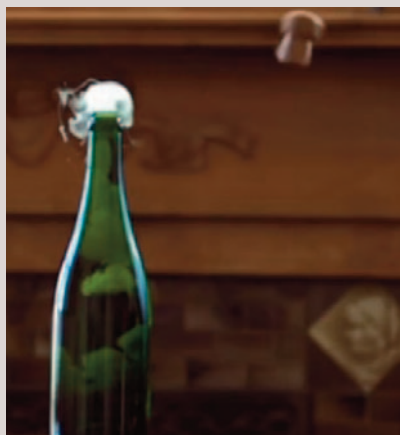
Interessante abordagem sobre o conflito vivido por um jovem dividido entre perseguir o seu sonho e corresponder às expectativas do seu pai. Boas interpretações ao som de hip hop num filme dinâmico e leve, mas que consegue transmitir com densidade a angústia do personagem que quer se tornar um *master sommelier* ao invés de assumir a churrascaria da família.



3

THE DUEL OF WINE (ITA/ARG, 2015)

A comédia trata do mundo das competições e degustações técnicas. Aborda também uma profissão que ainda não se fala por aqui: *wine coach*, instrutor que ajuda o *sommelier* a ampliar seus conhecimentos e também faz as vezes de empresário para estes profissionais. Charlie Arturaola, interpreta um *sommelier* que, após uma perda momentânea do paladar, vê sua carreira destruída para sempre. Mas, anos depois, ele colocará em prática seu plano de voltar ao mundo dos vinhos ao conhecer acidentalmente um novo degustador italiano.



4 UM ANO EM CHAMPAGNE (EUA/FRA, 2014)



5 UM ANO NA BORGONHA (EUA/FRA, 2013)

Dois documentários muito interessantes e essenciais para o apreciador de vinhos. Ambos retratam a vida de produtores da região durante um ano, passando por todas as estações. *A Year in Port* de 2016 fecha a trilogia.



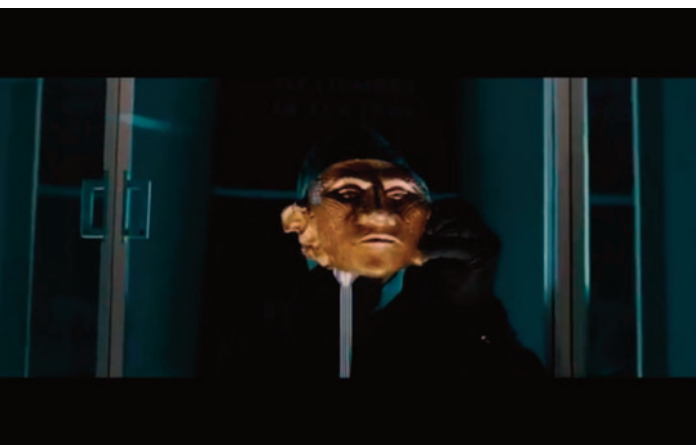
6 \$OUR GRAPES – UVAS AMARGAS (EUA, 2016)

Documentário que conta a surpreendente história do maior fraudador de vinhos de todos os tempos. Mais detalhes em <http://vinhoscomfernandolima.com.br/o-maior-171-dos-vinhos/>

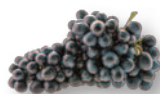


7 BARBECUE – SOBRE AMIGOS, AMOR & VINHOS (FRA, 2014)

Divertida comédia sobre um grupo de amigos, onde o vinho participa como coadjuvante, mas há hilárias situações que envolvem a bebida e que não passarão despercebidas pelos enófilos, entre elas uma impagável com o mítico *Château Pétrus* e outra mais discreta envolvendo *Beaujolais*.

**VINO PARA ROBAR (ARG, 2013)**

Dois ladrões precisam trabalhar juntos para roubar um *malbec* raro e valioso que está bem guardado em Mendoza. Comédia que satiriza filmes como *Missão Impossível* e *11 Homens e um Segredo*.



Designed by lifeforstock / Freepik

**UM BOM ANO (EUA, 2006)**

Dirigido por Ridley Scott e estrelado por Russel Crowe, que faz o papel de um londrino que trabalha no mercado financeiro e se vê obrigado a voltar para um *château* na França, onde passou sua infância, após herdá-lo de seu tio.

8

9

**RED OBSESSION (EUA, 2013)**

Documentário narrado por Russel Crowe que mostra a crescente voracidade e obsessão dos chineses por vinhos franceses, especialmente os de Bordeaux. A preocupação dos produtores franceses com o ávido mercado chinês também é apresentada.

10

**SOMM (EUA, 2013)**

Documentário que acompanha a vida de quatro profissionais que tentam passar numa difícil prova para obter o título de *master sommelier*. Teve duas sequências: *Somm: into the bottle* (2015) e *Somm 3* (2018).

11



12

BOTTLE SHOCK O JULGAMENTO DE PARIS (EUA, 2008)

Baseado em fatos reais, retrata de forma romantizada, com alguns momentos cômicos, a histórica competição internacional de 1972, na qual os vinhos californianos venceram os grandes franceses em degustação às cegas. O filme mostra os primórdios da indústria de vinhos no Napa Valley. Para quem quiser saber um pouco mais desta história, recomendo o post *O Napa Valley* (<http://vinhoscomfernandolima.com.br/o-napa-valley-e-os-vinhos-do-julgamento-de-paris/>) e os vinhos de *O Julgamento de Paris*, no qual conto um pouco sobre a minha visita a estas premiadas vinícolas californianas.



Designed by mrsiraphol / Freepik

14



TALES OF TERROR MURALHAS DO PAVOR (EUA, 1962)

Dirigido por Roger Corman, mestre do horror, o filme é composto por três histórias independentes, adaptadas de contos clássicos de Edgar Allan Poe. A segunda é uma mistura de dois clássicos do autor: *Gato Preto* e *Barril de Amotillado*, na qual há a antológica cena onde o bêbado interpretado por Peter Lorre desafia, numa degustação, o *connoisseur* esnobe interpretado por Vincent Price.

13



MONDOVINO (FRA/ITA/ARG, 2004)

Excelente documentário, bastante crítico, dirigido por Jonathan Nossitier, que também é *sommelier* e já assinou cartas de diversos restaurantes em Nova Iorque, Paris e Rio de Janeiro. O filme trata da globalização na indústria do vinho. Mostra a luta de pequenos produtores do velho mundo para se manterem fiéis às suas tradições ao invés de se renderem ao gosto do mercado americano e seus críticos especializados.



CONDE D'AUTOMNE

CONTO DE OUTONO (FRA, 1998)

Romance que se passa no sul da França, onde a protagonista produz vinhos. Ela é viúva, vive sozinha e suas amigas resolvem encontrar um novo marido para ela. O filme encerra o projeto do diretor Eric Rohmer de realizar um filme ambientado em cada estação do ano.

15



Designed by macrovector / Freepik

A querida *sommelière* Deise Novakoski gentilmente enriqueceu esta resenha enviando seus valiosos comentários que a seguir transcrevo:



CAMINHANDO NAS NUUVENS

(EUA, 1995)

Filme romântico, no melhor estilo água-com-açúcar. Estrelado por Keanu Reeves, a história se passa no pós-guerra dos anos 40 e tem como cenário os belos vinhedos californianos.

16

“Neste filme, por exemplo, os vinhedos californianos podem ter servido como cenário, mas eles se referem a vinhedos franceses. Mesmo porque, no pós-Guerra, nos anos de 1940, a Califórnia nem sonhava em fazer vinhos finos com tantos cuidados. Por lá, a produção começou a ser retomada a partir dos anos 1970, depois de um longo período sem vinhos finos de qualidade. A técnica desenvolvida pelos franceses, no filme aparece em cena simpática: quando todos acordam, vestem asas de libélula e saem para espalhar o calor vindo dos barris para os vinhedos. O desajeitado personagem de Reeves consegue incendiar uma de suas asas postiças, entre todos os foras que ele dá para desespero da mocinha, que o está apresentando ao pai. Um *vigron* muito “gente boa” que se faz de mal humorado. Essa técnica ainda é usada em toda a França.”



Maria Hermínia Donato e os filhos, Jack e Daniella Donato-Brown

Dia das Mães em quarentena

Maria Hermínia Donato

Com o distanciamento social, como celebrar do Dia das Mães? Nossa correspondente em Londres conta a experiência vivida no dia 22 de março, data em que ocorreu a comemoração por lá, onde o Dia das Mães acontece três domingos antes da Páscoa

22 DE MARÇO DE 2020.

DIA DAS MÃES, O PRIMEIRO DOMINGO EM QUARENTENA/LOCKDOWN

Hoje é Dia das Mães. Como mãe virtual, recebi o carinho dos meus filhos usando um App chamado “Houseparty”. Sendo um dia especial, resolvi me arrumar para a ocasião e tirar as calças de ginástica que se tornaram minha segunda pele. Também preparei um almoço especial para a data: salmão com molho de alcaparras, *Cavallo Nero*, mini abobrinha, *petit pois* e tomatinhos cereja, além de cogumelos secos e frescos com tiras de

bacon defumado e *piadina*. Para a sobremesa, melão em cubos com frutas vermelhas. Tudo regado por um *Bordeaux Supérieur*.

Quando nos encontramos virtualmente, confesso que tive de controlar as lágrimas para não estragar a *party*. Curioso é que a celebração do Dia das Mães já não tinha grande importância depois que meus filhos Daniella e Jack saíram de casa, mas hoje, especialmente, foi muito valioso “estar com eles”. Mesmo sem poder receber beijos e abraços.

Conversamos sobre a nossa semana. Minha filha é cirurgiã geral e nos falou sobre a Covid-19 e como os hospitais estavam se preparando para a pandemia; meu filho é DJ e estava feliz porque continuaria produzindo o seu programa de rádio em casa. Foi bom estar com eles! Sozinha, em casa na maior parte do dia, nossas conversas virtuais passaram a ter um grande valor.

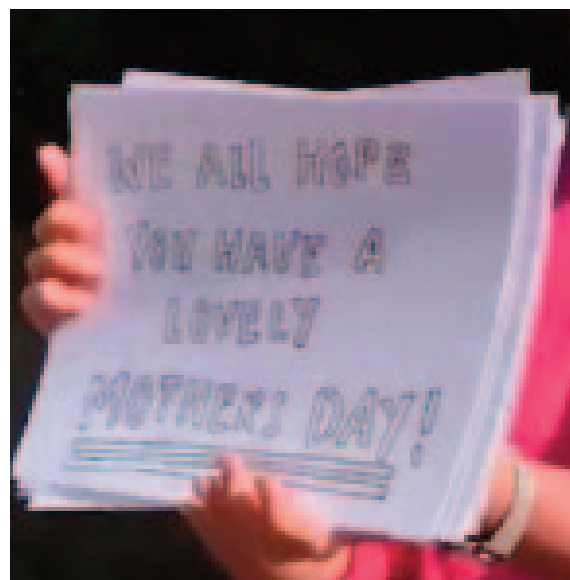
Pensando na minha experiência do Dia das Mães, quis compartilhar o que vivi com amigas. Incrível, como foram diferentes as celebrações!

Amigas com filhos pequenos, praticamente esqueceram a data, devido a demanda dos trabalhos da escola (muitas tendo que aprender antes para poder explicar), dos afazeres domésticos e da falta de tempo criado pelo dia a dia da Covid-19.

Outra recebeu uma homenagem inédita, que a deixou emocionada: pela primeira vez – em mais de quarenta anos – os enteados telefonaram para desejar um feliz Dia das Mães e dizer que ela sempre foi uma excelente mãe para eles. Ela me ligou no dia seguinte e conversamos sobre as reflexões que o Coronavírus está promovendo nas pessoas.

Uma história também marcante foi a da amiga que teve alta do hospital, recuperada da Covid-19, e encontrou o filho. Celebraram juntos o Dia das Mães e a sua vida!

Nas mídias sociais, as pessoas compartilharam as homenagens prestadas nesse dia. Um escritor *tuitou* que andou 11 quilômetros para entregar um cartão à sua mãe. Durante todo o domingo, várias pessoas deixaram cartões e presentes na porta das casas das mães. Outras usavam os aplicativos para conversar com suas famílias. Uma cabeleireira recriou uma cena de seu filme favorito, *Love Actually*, e surpreendeu a mãe de 83 anos levando uma mensagem comovente escrita numa



série de cartões que ela mostrava em sequência para a mãe ler à distância, na porta de sua casa.

Um jovem deixou um almoço caseiro para sua mãe pela manhã e preparou a mesma refeição para si próprio. Via *Skype*, comeram “juntos”, às 13 horas, e comemoraram a data. Houve também netos que “tocavam” as mãos da avó através de uma porta de vidro.

Essas vivências estão num diário que resolvi fazer durante a quarentena para registrar não apenas a minha rotina – sair para andar, fazer as compras necessárias para a casa respeitando o distanciamento social, ler e responder e-mails e dar continuidade a projetos para que, quando a claridade aparecer no final do túnel, possam ver a luz do dia – mas, sobretudo, as mudanças

observadas nesse período, preservando momentos que jamais imaginaria vivenciar, como a enorme solidariedade e compaixão das pessoas. Vou mantê-lo até a vacina chegar.

DICAS PARA CELEBRAR O DIA DAS MÃES

Organize um almoço: escolha um prato especial e prepare em tempo real com sua mãe; programe uma sessão de cinema: escolha um filme, assista ao mesmo tempo com ela e troque observações e emojis pelo *WhatsApp* durante ou depois do filme acabar. Será como se vocês estivessem na mesma sala no cinema. Você também pode gravar uma homenagem, escrever um poema ou cantar uma música para ela. Ao comemorar o Dia das Mães, lembre-se de celebrar, com ela, a vida. Não há melhor presente.



Maria Hermínia
Donato e os filhos,
Jack e Daniella
Donato-Brown

VIAJAR É





PRECISO!

“O nosso destino nunca é um lugar mas uma nova maneira de olhar para as coisas”

(Henry Miller)

Texto e fotos: Antonella Kann
www.antonellakann.com
antonellak1954@gmail.com

Quando alguém começa a descrever um recanto qualquer do planeta com muito entusiasmo, ainda mais se for um lugar do qual nunca ou pouco se ouviu falar, a primeira reação de um viajante compulsivo é imediatamente bisbilhotar a internet, estudar mapas ou consultar o seu agente de viagens para checar voos.

A perspectiva de conhecer um novo lugar, por antecipação, é sublime. Mesmo que nesse exato momento só seja possível viajar de maneira virtual, quem sabe algumas das imagens selecionadas para esse ensaio fotográfico sejam bem inspiradoras para planejar seu próximo destino de férias no final da quarentena?

A sua escolha pode recair sobre o Parque Nacional de Hortobágy, na Hungria, onde se encontram os intrépidos cavaleiros Czíkós; ou perambular por aqui mesmo no Estado de Goiás, onde outros cavaleiros, os *Mascarados de Pirenópolis*, encantam o evento folclórico das Cavalhadas.

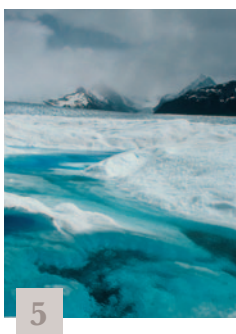
Tudo será motivação para fazer a mala: um país – a Croácia e seu porto em Hvar; uma capital – Reykjavik, na misteriosa Islândia; uma cidade do interior baiano como a preservada Boipeba; um povoado remoto da Escócia que atende pelo sonoro nome de Kilin.

Uma aventura, quem sabe, na Patagônia, durante a qual os mais ousados se atrevem a fazer um *trekking* num glaciar que é um verdadeiro labirinto ou – mais apetecedor, talvez – se familiarizar com a tribo dos índios Kunas, no arquipélago panamenho de San Blas, para ver e comprar as fabulosas “molasses” das artesãs.

E assim, sua próxima jornada pode seguir os passos da menininha Amish da Pensilvânia atravessando o campo, fofa em sua indumentária típica e alheia ao clique da minha câmera que a flagrou sem que ela percebesse (foto que abre a matéria).



Designed by Freepik



1. Dam Square, Amsterdam, Países Baixos | **2.** Escalada nas formações rochosas do Parque Nacional de Joshua Tree, Califórnia, USA | **3.** Loch em Killin, Escócia | **4.** Porto de Hvar, Croácia | **5.** *Ice trekking* e lago no meio do glaciér Perito



7



8



9



10

7. Detalhe de molas e pulseira kuna, San Blas, Panamá | 8. Menininha na beira do lago, Reykjavik, Islândia | 9. Josselin, a eclusa e o castelo ao fundo, Bretanha, França | 10. Mascarados no evento



11



12



13



14

11. Meninos no coqueiro, Boipeba, Bahia, Brasil

12. Meninos na praia de Montanita, Equador

13. Cavaleiros na Puzsta, parque nacional de Hortobágy, Hungria

Vai passar

É só uma questão de tempo.
Então,

Entro num acordo contigo
Tempo, Tempo, Tempo, Tempo

(Caetano Velloso)

Eu fico com a pureza
Da resposta das crianças
É a vida, é bonita
E é bonita

(Gonzaguinha)

O que importa é ouvir
A voz que vem do coração

(Minton Nascimento)

OXIGÊNIO
revista